

OSCAR WILDE

O retrato de
**DORIAN
GRAY**

OSCAR WILDE

O retrato de
DORIAN
GRAY

Tradução: João do Rio

 FARO
EDITORIAL

PREFÁCIO

Um artista é um criador de belas coisas.

Revelar a Arte ocultando o artista é o fim da Arte.

Crítico é aquele que pode traduzir doutra forma ou com processos novos a impressão deixada pelas belas coisas.

A autobiografia é, ao mesmo tempo, a mais alta e a mais baixa das formas da crítica.

Aqueles que encontram intenções feias nas belas coisas são corrompidos sem sedução. E isso é um crime.

Os que acham belas intenções nas belas coisas são cultivados. Esses têm esperança.

Para os eleitos é que as belas coisas significam simplesmente a Beleza.

Um livro não é moral ou imoral. É bem ou mal escrito. Eis tudo.

O desdém do século XIX pelo realismo parece a raiva de Caliban vendo a própria face num espelho.

O desdém do século XIX pelo romantismo parece a raiva de Caliban não vendo a própria face num espelho.

A vida moral do homem forma uma parte do assunto do Artista, mas a moralidade da Arte consiste no uso perfeito de um meio imperfeito.

O Artista não deseja provar nada. Mesmo as coisas verdadeiras podem ser provadas.

O Artista não tem simpatias éticas. A simpatia moral num artista traz o maneirismo imperdoável do estilo.

O Artista vê e pode exprimir tudo.

Para o Artista, pensamento e linguagem são instrumentos de uma arte.

O vício e a virtude são materiais. No ponto de vista da forma, a música é o tipo das artes. No ponto de vista da sensação, é a profissão do comediante.

Toda Arte é, ao mesmo tempo, superfície e símbolo.

Aqueles que procuram ver por baixo da superfície, fazem-no por conta e risco.

O mesmo acontece aos que tentam penetrar o símbolo.

É o espectador e não a vida que a Arte realmente reflete.

A diversidade de opiniões a respeito de uma obra de arte mostra que essa obra é nova, complexa e viável.

Quando os críticos diferem, o Artista está de acordo consigo mesmo.

Podemos perdoar a um homem ter feito uma coisa útil enquanto ele não a admira. A única desculpa de ter feito uma coisa inútil é admirá-la intensamente.

A Arte é completamente inútil.

Oscar Wilde.

Nota do TRADUTOR

O retrato de Dorian Gray apareceu no *Lippincott's Magazine* em 1890. Foi de súbito o maior escândalo literário de que há memória. Os jornais, numa crise de furor inaudito, diziam do romance os maiores horrores. E conseqüentemente diziam também do autor.

Oscar Wilde escreveu várias cartas aos jornais em resposta aos ataques. O romance apareceu em volume com maior número de capítulos e com muitos cortes. Asseguram que Pater, o grande espírito dos *Retratos imaginários*, que escreveu um artigo de louvor ao romance, corrigiu com Wilde as provas do livro.

Os pormenores da história da vida de *O retrato de Dorian Gray*, artigos, ataques, respostas, foram publicados pelo editor Mason sob o título *Arte e moralidade*.

O livro deu uma exasperante fama a Oscar Wilde. O admirável artista teve de escrever para outra edição o *Prefácio*, que é sua teoria da arte e uma resposta em epígrafes à obtusidade da crítica.

Em 1895, em seu processo, *Dorian Gray* voltou ao escândalo. Leram no tribunal vários trechos da edição do *Lippincott's*, interrogando Wilde a respeito. Ele foi quase sempre esplendidamente impertinente. Apenas foi suficientemente menos para que *Dorian Gray* pudesse parecer uma confissão.

Essa confissão seria, em todo caso, uma antecipação. Quando o pai de lord Alfredo Douglas deixou no clube um bilhete dizendo que Wilde *posava* de vicioso e comprometia o filho; quando lord Alfredo Douglas, belo, tão belo que parecia ter dezesseis anos tendo vinte e tantos, exigiu que Wilde processasse o pai, para pregar uma peça ao pai que se divorciara da esposa, quando rebentou o desastre que levou Wilde à prisão, o romance *O retrato de Dorian Gray* já estava escrito havia cinco anos. E é público que lord Alfredo Douglas conheceu Oscar Wilde muito tempo depois de aparecer o romance.

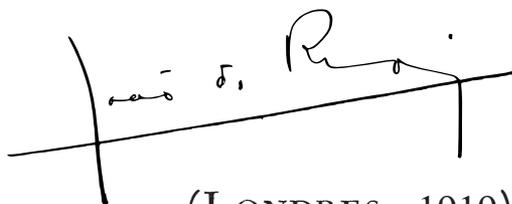
De resto, tudo quanto Wilde escreveu era a história do que se iria dar. E ninguém sabe dos três personagens principais do romance — Dorian, lord Harry e Basil — quem é Wilde. São os três decerto...

Os horrores contra este livro fascinador nada adiantaram, porém. *O retrato de Dorian Gray* é há trinta anos o livro de ficção mais sensacional da Terra. A sua sedução persiste, é cada vez maior. Hoje passou a ser o credo de uma estética nova na Terra inteira. Porque *Dorian Gray* foi traduzido como *Salomé* em todas as línguas.

Achei necessário traduzir a esplêndida obra em português. A tradução por circunstâncias independentes da minha vontade esteve oito ou nove anos em provas. Ao revê-la, senti ainda útil publicá-la. *Dorian Gray* é um dos mais belos livros. É integralmente belo.

Traduzir é servir. Consequentemente, trabalho de inferiores. Nunca um homem de espírito traduz senão quando a sua admiração é culminante. Ainda assim traduz mal. Sempre mal. A tradução tem o perdão de ser uma dádiva generosa, apenas. Traduzi Oscar Wilde como um presente a quantos só podem ler na nossa língua. Esses, através dos defeitos da tradução, serão tocados do inebriante clarão da Beleza.

Não é quanto basta à generosidade do trabalho?



(LONDRES, 1919)

O retrato de DORIAN GRAY

I

O estúdio estava impregnado do forte cheiro das rosas. Quando, por entre as árvores do jardim, passava a leve o vento fresco, entrava pela porta aberta o odor dos lilases, de mistura com o perfume mais sutil das madressilvas.

De um canto do divã entre almofadas persas, onde habitualmente se estirava, fumando inúmeros cigarros, lorde Henry Wotton percebia perfeitamente o brilho das doces flores cor de mel, cobrindo uma árvore de ébano com galhos que chacoalhavam, como se estivessem cansados de suportar o peso de tão fascinante esplendor. De vez em quando, sombras fantásticas de pássaros passavam além das translúcidas cortinas abertas da larga janela, produzindo como que um efeito japonês momentâneo, fazendo-o pensar na figura dos pintores de Tóquio, que, por meio de uma arte necessariamente imóvel, tentam produzir a sensação da rapidez e do movimento.

O zumbido monótono das abelhas, por entre altas ervas não ceifadas ou revoando em torno de dourados ramalhetes de um isolado arbusto de madressilva, tornava ainda mais opressiva essa grande calma. O surdo ruído de Londres lembrava a nota ressoante de um órgão afastado.

No centro da sala, em um cavalete, estava o retrato, em tamanho natural, de um rapaz singularmente formoso, e, um pouco distante, achava-se sentado o próprio pintor, Basil Hallward, cujo desaparecimento súbito, alguns anos antes, havia causado grande comoção pública e provocado muitas suposições.

O pintor olhava a graciosa e encantadora figura tão finamente reproduzida pela sua arte e um demorado sorriso de prazer passava-lhe pela face. Subitamente, porém, estremeceu e, fechando os olhos, comprimiu com os dedos as pálpebras, como se quisesse reter no cérebro algum estranho sonho de que receava despertar.

— Isso é a tua melhor obra, Basil; a melhor coisa que até hoje fizeste — disse lorde Henry. — É preciso enviá-la, no ano próximo, à exposição Grosvenor. A academia é muito grande e muito vulgar. Cada vez que lá vou, o excesso de espectadores não me permite ver os quadros, o que é espantoso; ou melhor, o excesso de quadros não me deixa ver os espectadores, o que é horrível! Grosvenor ainda é o lugar mais conveniente...

— Não pretendo mandá-lo a parte alguma — respondeu o pintor, sacudindo a cabeça de um modo singular, que excitava o riso aos seus amigos de Oxford. — Não, não o enviarei a nenhuma exposição.

Lorde Henry abriu mais os olhos, olhando-o com surpresa através das finas espirais de fumaça azul que se desprendiam da ponta de seu cigarro.

— Não? E por que, meu caro amigo? Qual o motivo? Como são estranhos vocês, pintores! Movem o mundo para ganhar a reputação e, logo que a conquistam, querem se livrar dela! Isto é ridículo, pois, se há alguma coisa no mundo pior que o renome, é a privação desse renome. Um retrato como este colocaria você acima de todos os jovens da Inglaterra e tornaria os velhos ciumentos, se os velhos ainda pudessem sentir qualquer emoção.

— Eu sei que rirás de mim — replicou o outro —, mas não posso realmente expô-lo. Essa tela fala muito sobre mim próprio.

Lorde Henry esticou-se, rindo, no divã...

— Eu sabia que irias rir, mas pouco importa.

— Muito de ti próprio! Não percebo a semelhança entre tua rude e forte figura, de cabeleira negra como carvão, e esse jovem Adônis, cujo aspecto lembra uma combinação de marfim e folhas de rosas. Temos aqui o próprio Narciso, ao passo que tu! É evidente que tua face transpira inteligência e o resto..., mas a beleza, a verdadeira beleza acaba onde começa a expressão intelectual. A intelectualidade é por si mesma exagerada e destrói a harmonia de qualquer semblante. No momento em que se assenta para pensar, tudo é nariz, tudo é fronte ou coisa pior. Olha os homens triunfantes na sua profissão científica e observa como são realmente horrendos! Excetuam-se, naturalmente, os da Igreja. Mas os da Igreja não pensam. Um bispo de 80 anos repete o que lhe ensinaram a dizer aos dezoito, e o resultado natural é que ele sempre conserva um ar de frescura. Teu jovem e misterioso amigo, cujo nome nunca me disseste, mas cujo retrato realmente me fascina, é outro que nunca pensou. Tenho certeza disso. É uma admirável criatura sem cérebro, que aqui, sempre junto a nós, bem poderia, no inverno, substituir as flores e refrescar-nos a cabeça, no verão. Não te lisonjeies, Basil: tu não te assemelhas nem de longe a ele.

— Tu é que não me compreendes, Harry — respondeu o artista. — Eu bem sei que não me pareço com ele; sei perfeitamente. Não gostaria de me parecer. Eu te digo a verdade. A fatalidade pesa sobre as distinções físicas e intelectuais, a mesma fatalidade que, na história, vai na pista dos erros dos reis. É melhor não nos diferenciarmos dos contemporâneos. A este respeito, os feios e os tolos são os mais bem distribuídos neste mundo. Podem assentar-se à vontade e bocejar durante o espetáculo. Se nada sabem da vitória, o conhecimento da derrota lhes é poupado. Vivem como quiséramos viver, sem serem perturbados,

indiferentes e tranquilos. Não importunam quem quer que seja, nem são importunados. Mas, tu, Harry, com o teu título e a tua fortuna; eu, com minha cabeça tal qual é, com a minha arte imperfeita quanto possa ser; Dorian Gray, com sua beleza, nós todos sofreremos pelo que os deuses nos deram, havemos de sofrer terrivelmente...

— Dorian Gray? É o nome dele? — perguntou lorde Henry, encaminhando-se para Basil Hallward.

— Sim, é o seu nome. Eu não tinha intenção de o te dizer.

— E por quê?

— Ora! Não posso explicar. Quando amo intensamente alguém, nunca digo a outros o seu nome. É quase uma traição. Aprendi a amar o segredo. Parece-me ser a única coisa capaz de fazer-nos a vida moderna misteriosa ou maravilhosa. O que possa haver de mais comum nos parecerá estranho, desde que alguém o oculte. Quando deixo esta cidade, não refiro o destino que tomo, porque, fazendo-o, perco todo o meu prazer. É um mau hábito, confesso, mas que me faz sentir na vida qualquer coisa de romanesco... Estou certo de que me julgarás doido, ouvindo-me falar assim...

— Não — respondeu lorde Henry —, absolutamente, meu caro Basil. Tu, ao que parece, esqueces que sou casado e que o único encanto do casamento está na vida de decepção indispensável a ambas as partes. Nunca sei onde está minha mulher e ela nunca sabe o que faço. Quando nos encontramos — o que sucede de tempos em tempos, quando juntos jantamos fora, ou quando vamos à casa do duque — narramos um ao outro as mais absurdas histórias, com o ar mais sério deste mundo. Nessa ordem de ideias, minha mulher está acima de mim. Não se embaraça com as datas, o que me acontece frequentemente. Ela, aliás, o percebe, mas não revela surpresa, quando, às vezes, eu desejaria que revelasse.

— Não gosto desse teu sistema de falar de tua vida conjugal — disse Basil Hallward, dirigindo-se para a porta que abria sobre o jardim. — Tenho-te na conta de ótimo marido, envergonhado das próprias virtudes. És um tipo extraordinário. Nunca dizes duas palavras de moral e nunca praticas um mau ato. Teu cinismo é simplesmente uma afetação.

— Ser natural é também uma afetação e a mais irritante que eu conheço — exclamou, rindo, lorde Henry.

Os dois moços encaminharam-se juntos para o jardim e assentaram-se num longo banco de bambu colocado à sombra de um bosquezinho de loureiros. O sol deslizava pelas folhas polidas; na relva, brancas margaridas destacavam-se trêmulas.

Depois de um silêncio, lorde Henry puxou o relógio.

— Devo retirar-me, Basil — murmurou —, mas, antes de partir, quisera ouvir uma resposta à pergunta que há pouco te fiz.

— Que pergunta? — indagou o pintor, com os olhos fixos na terra.

— Tu sabes.

— Não sei, Harry.

— Pois bem, vou repeti-la. Preciso que me expliques por que não queres expor o retrato de Dorian Gray. Quero conhecer a legítima razão.

— Já te disse qual é.

— Não. Disse que não exporias esse retrato por haver nele muito de ti mesmo. Isso é infantil...

— Harry — disse Basil Hallward, fixando os olhos do outro —, todo retrato pintado compreensivelmente é um retrato do artista, não do modelo. O modelo é puramente o acidente, a ocasião. Não é ele o revelado pelo pintor; é antes o pintor quem se revela na tela colorida. A razão que me impede de exhibir esse quadro consiste no terror de, por meio dele, patentear o segredo de minha alma!

Lorde Henry pôs-se a rir...

— E qual é ele?

— Eu te contarei — respondeu Hallward, sombriamente.

— Sou todo ouvidos, Basil.

— É bem simples, Harry, e acredito que não o compreenderás direito. Talvez apenas acredites...

Lorde Henry sorriu. Baixando-se, apanhou na relva uma margarida de pétalas róseas e, examinando-a:

— Estou bem certo de que compreenderei — afirmou ele, olhando atentamente o discozinho dourado, de pétalas brancas. — E, quanto a crer nas coisas, eu creio em todas elas, desde que sejam incríveis.

O vento destacou algumas flores dos arbustos e as pencas de lilases balançaram-se lânguidas no ar. Uma cigarra zumbiu estridulamente junto ao muro e, com um fio azul, passou uma fina libélula, ouvindo-se o frêmito de suas cinzentas asas de gaze. Lorde Henry conservava-se silencioso, como se quisesse perceber as pulsações do coração de Basil Hallward, e cogitando o que ia passar-se.

— Ouve a história — disse o pintor depois de algum tempo. — Há cerca de dois meses, ia eu a uma reunião em casa de *lady* Brandon. Bem sabes que nós outros, pobres artistas, temos que aparecer na sociedade, uma vez por outra, exclusivamente para provar que não somos selvagens. Com uma casaca e uma gravata branca, todo mundo, até um agente de câmbio, pode conseguir a reputação de um ser civilizado. Achava-me eu, pois, no salão, havia uns dez minutos, palestrando com viúvas de dote, carregadas de adereços, ou fastidio-

sos acadêmicos, quando, de súbito, obscuramente, percebi que alguém me observava. Dei meia-volta e, pela primeira vez, vi Dorian Gray. Nossos olhares cruzaram-se e eu senti-me empalidecer. Penetrou-me um singular terror... Compreendi que estava em face de alguém cuja simples personalidade era tão fascinante que, se eu me abandonasse, ela me absorveria inteiramente, a minha natureza, a minha alma e até o meu talento. Não gosto de influências na minha existência. Sabes, Harry, quanto a minha vida é independente. Sempre fui senhor de mim mesmo, ou, ao menos, sempre o havia sido até o dia do meu encontro com Dorian Gray. Então... Mas não sei como explicar-te isso... Qualquer coisa parecia dizer-me que a minha vida ia atravessar uma crise terrível. Tive a estranha sensação de que o destino me reserva exóticos prazeres e pesares extravagantes. Intimidei-me e dispus-me a deixar o salão. Não era a consciência que assim me fazia agir, mas havia uma espécie de covardia na minha ação. Não achei outro meio de escapar.

— A consciência e o acovardamento são, afinal, as mesmas coisas, Basil. A consciência é alcunhada de firmeza. É tudo.

— Assim não penso, Harry, e creio que também pensas diversamente. Entretanto, fosse qual fosse então o motivo — talvez o orgulho, porque sou muito orgulhoso —, o fato é que me precipitei pela porta. Aí, naturalmente, encontrei *lady* Brandon. “Não tem a intenção de partir tão cedo!”, exclamou ela. Conheces o timbre agudo de sua voz?...

— Sim, lembra-me em tudo um pavão, exceto na beleza — disse *lorde* Henry, desfolhando a margarida com seus longos dedos nervosos...

— Não pude desembaraçar-me dela. Apresentou-me a Altezas, a figuras de estrelas e jarreteiras, a damas maduras, cobertas de tiaras gigantescas e com narizes de papagaio... Falou de mim como do seu melhor amigo. Eu antes a vira uma vez somente, mas ela decidira-se a exhibir-me. Creio que um dos meus quadros era então objeto de grande sucesso e merecia referências dos jornais populares, que são, como sabes, os estandartes da imortalidade no século XIX. Subitamente, eu me encontrei face a face com o jovem cuja personalidade me havia tão singularmente intrigado; quase roçamos um no outro e, de novo, nossos olhares se cruzaram. Independentemente de minha vontade, não pude deixar de pedir a *lady* Brandon que nos aproximasse por uma apresentação.

“Talvez nada houvesse nisso de temerário, mas era simplesmente inevitável. O certo é que nos teríamos comunicado sem apresentação antecipada; quanto a mim, tenho disso a certeza, e Dorian, mais tarde, disse-me a mesma coisa; ele sentira também que estávamos destinados a nos conhecermos.”

— E o que te disse *lady* Brandon desse rapaz maravilhoso? — perguntou o amigo.
— Sei que ela tem o hábito de fornecer o esboço rápido de cada um de seus convidados.

Certa vez, apresentou-me a um apoplético e corpulento *gentleman*, coberto de ordens e fitas, e a respeito dele disse-me ao ouvido, de modo trágico, os mais detalhados absurdos, que deveriam ser percebidos por todas as pessoas no salão. Isso pôs-me em guarda, sobretudo porque gosto de conhecer os homens por mim mesmo... *Lady* Brandon trata seus convidados exatamente como um agente de leilão trata as suas mercadorias. Explica as manias e os hábitos de cada um, mas esquece-se naturalmente de tudo quanto poderia interessar-nos no personagem.

— Pobre *lady* Brandon! Tu és severo com ela — observou Hallward, negligentemente.

— Meu caro, ela tentou criar um salão e só conseguiu abrir um restaurante. Como poderia admirá-la?... Mas, diz-me, que te confiou ela sobre o sr. Dorian Gray?

— Oh! Qualquer coisa muito vaga neste gênero: “Belo rapaz! Sua pobre mãe e eu éramos inseparáveis. Não me recordo bem do que faz ou, antes, receio... que nada faça! Ah! Sim, toca piano... Ou é violino que toca, meu caro sr. Gray?”. Não pudemos ambos reprimir o riso e imediatamente nos fizemos amigos.

— A hilaridade não é absolutamente um mau começo de amizade e está longe de traduzir um mau desígnio — disse o jovem lorde, colhendo outra margarida.

Hallward sacudiu a cabeça.

— Não podes compreender, Harry — murmurou ele —, em que espécie de amizade ou ódio o riso influi, nesse caso particular. Tu não prezas ninguém ou, se chegas a preferir alguém, este alguém não te interessa.

— Como és injusto! — exclamou lorde Henry, levantando a aba do chapéu e olhando as pequenas nuvens no céu, onde, como flocos de uma meada de seda luzente, fugiam, no profundo azul-turquesa.

— Sim, horrivelmente injusto! Estabeleço uma grande diferença entre as pessoas. Escolho meus amigos pela sua boa cara, meus simples camaradas pelo seu caráter e meus inimigos pela sua inteligência; um homem não saberia ligar tanta importância à escolha de seus inimigos; eu não tenho um só que seja um tolo; são todos homens de certo poder intelectual e, portanto, todos me apreciam. É talvez ocioso agir assim!

— Eu também, Harry. Mas, referindo-me à tua maneira de seleção, devo ser à tua vista um simples camarada.

— Meu bom e caro Basil, tu vales mais que um camarada...

— E menos que um amigo: uma espécie de... Irmão, suponho!

— Um irmão! Não! Pouco me importam os irmãos! Meu irmão mais velho não quer morrer e os mais moços querem, ao que parece, imitá-lo.

— Harry! — protestou Hallward, num tom lamentoso.

— Meu caro, eu não sou absolutamente sério. Mas não me posso coibir de detestar os parentes. Isso vem, talvez, do fato de cada um de nós não poder suportar outras pessoas possuidoras de iguais defeitos. Simpatizo, entretanto, francamente com a democracia inglesa, na sua raiva contra o que ela chama os vícios da alta sociedade. A massa sente que a bebedeira, a estupidez, a imoralidade são sua propriedade; e, se algum de nós toma-lhe esses defeitos, parece-lhe uma caça furtiva nos seus domínios... Quando o pobre Southwark compareceu perante o tribunal do divórcio, a indignação dessa mesma massa foi magnífica. Estou convencido de que a décima parte do povo não vive como devia viver.

— Não aprovo uma única palavra das que acabas de proferir e sinto, Harry, que não as aprovas mais do que eu.

Lorde Henry acariciou sua longa barba castanha talhada em ponta, dando pancadinhas na botina de couro fino com a sua bengala de ébano:

— Basil, tu és bem inglês! É a segunda vez que fazes essa observação. Se se comunica uma ideia a um verdadeiro inglês — o que é sempre uma coisa temerária —, ele nunca procura saber se a ideia é boa ou má; dá apenas alguma importância ao fato de descobrir o que se fica pensando de si próprio. Afinal, o valor de uma ideia nada tem a ver com a sinceridade do homem que a exprime. Na verdade, temos muita sorte quando a ideia é interessante em proporção direta com o caráter falso do personagem, porque, neste caso, ela não será colorida por quaisquer necessidades, desejos ou prejuízo deste. Entretanto, não me proponho a abordar questões políticas, sociológicas ou metafísicas contigo. Estimo mais as pessoas que seus princípios e estimo ainda mais as pessoas sem princípios que qualquer outra coisa no mundo. Conversemos ainda sobre o sr. Dorian Gray. Viste-o muitas vezes?

— Todos os dias. Não me sentiria feliz se não o visse cada dia. Ele me é absolutamente necessário.

— Deveras curioso! Suponho que não te ocupasses de mais nada além da tua arte...

— Ele é agora toda a minha arte — replicou o pintor, gravemente. — Algumas vezes penso, Harry, que não há senão duas eras de alguma importância na história do mundo. A primeira é a da aparição de um novo processo de arte, a segunda será a da constituição de uma nova personalidade artística. O que a descoberta da pintura foi para os venezianos, a face de Antínoo para a arte grega antiga, isso mesmo Dorian Gray me há de ser algum dia. Não é simplesmente por pintá-lo, por desenhá-lo ou fazer dele esboços; tudo isso fiz antes. Ele vale muito mais que um modelo. Não quero dizer que não me satisfaça com o que executei pela sua imagem ou que a sua beleza seja tal que a arte não possa reproduzi-la. Não há nada que a arte não reproduza e sei muito bem que a obra por mim feita, após meu encontro com Dorian Gray, é uma bela obra, a melhor da minha vida. Mas de uma maneira indecisa e curiosa — pasmarei, se me

compreenderes — sua pessoa sugeriu-me uma maneira de arte inteiramente nova, um modo de expressão inteiramente novo. Vejo as coisas diferentemente e penso-as diferentemente. Posso agora viver uma existência que antes me estava oculta. “Uma forma sonhada em dias de pensamento” — quem disse isto? Não me lembro; mas é exatamente o que me foi Dorian Gray. A simples presença visível desse adolescente — pois ele só me parece um adolescente, embora tenha mais de vinte anos — a simples presença visível desse adolescente! Que pasmo o meu, se puder compreender o que isto significa! Inconscientemente, ele define para mim as linhas de uma escola que uniria a paixão do espírito romântico à perfeição do espírito grego. A harmonia do corpo e da alma, que sonho! Nós, na nossa cegueira, separamos estas duas coisas para inventar um realismo vulgar e uma idealidade vazia! Ah! Harry! Se pudesses conceber o que Dorian Gray representa para mim! Deves lembrar-te daquela paisagem, pela qual Agnew me oferecia uma soma tão considerável e da qual eu não quis separar-me. É um dos meus melhores trabalhos. E sabes por quê? Porque enquanto o executava, Dorian Gray se conservava assentado ao meu lado. Qualquer sutil influência passou então dele a mim, e, pela primeira vez na vida, surpreendi na paisagem esse não sei que, sempre procurado e... Sempre falhado.

— Basil, é espantoso! Preciso ver Dorian Gray!

Hallward levantou-se, deu uns passos pelo jardim... Um instante depois parou...

— Harry — disse ele. — Dorian Gray, para mim, é simplesmente um motivo de arte; tu nada verás nele; eu nele vejo tudo. Quando não o vejo e apenas o recordo é que ele se apresenta mais vivamente à minha imaginação. Como te disse, é uma sugestão de nova espécie. Eu o descubro nas curvas de certas linhas, na adorável sutileza de certas nuances. É tudo.

— Então por que não quer expor o seu retrato? — perguntou de novo lord Henry.

— Porque, sem o querer, a ele transmite a expressão de toda essa estranha idolatria artística, de que nunca lhe falei. Ele nada sabe e nunca saberá. Mas o mundo pode adivinhá-la e não quero descobrir minha alma aos baixos olhares pesquisadores; meu coração nunca será sujeito a um microscópio... Há muito de mim mesmo nesse trabalho, Harry — muito de mim mesmo!

— Os poetas não são tão escrupulosos como tu, sabem quanto a paixão utilmente divulgada ajuda a venda. Hoje, um coração partido dá várias edições.

— Eu os detesto por isso mesmo! — exclamou Hallward. — Um artista deve produzir belas coisas, mas nada de si próprio lhes deve comunicar. Vivemos numa idade em que os homens só compreendem a arte sob um aspecto autobiográfico. Perdemos o sentido abstrato da beleza. Algum dia, hei de mostrar ao mundo o que isso é, e por esta razão o mundo jamais verá o meu retrato de Dorian Gray.

— Penso que tu andas errado, Basil, mas não quero discutir contigo. Só me ocupo da perda intelectual... Dize-me: Dorian Gray gosta de ti?

O pintor refletiu alguns instantes.

— Ama-me, sim — respondeu depois de uma pausa. — Eu sei que ele me ama... Eu o lisonjeio bastante, como se pode compreender. Acho um estranho prazer em lhe dizer palavras que, noutro caso, sentiria muito ter dito. Ordinariamente, ele é bom comigo e passamos dias no ateliê a falar de mil coisas. Uma vez por outra, mostra-se horrivelmente desagradável e parece achar o verdadeiro prazer em me atormentar. Sinto, Harry, ter dado toda a minha alma a um ser que a trata como uma flor a pôr à lapela, uma ponta de fita para a sua vaidade, um enfeite de dia de verão...

— E os dias de verão são longos — insinuou Henry. — Talvez te fatigues dele mais cedo do que ele pensa. É um triste assunto para indagações, mas não se pode duvidar que o espírito dura mais que a beleza. Isto explica por que tanto nos custa instruirmo-nos. Precisamos, para a medonha luta da vida, de qualquer coisa que persista e enchamos o espírito de ruínas e fatos, na ingênua esperança de conservar o nosso lugar. O homem bem informado: eis o moderno ideal... O cérebro desse homem bem informado é uma coisa espantosa. É como uma loja de coisas usadas, onde pode haver relógios... Poeira e muito objeto cotado acima do devido valor. Creio que serás o primeiro a cansar... Um dia, olharás o teu amigo e ele te parecerá que já não é o mesmo; não mais apreciarás a sua tez ou outra qualquer coisa... Hás de condená-lo no teu íntimo e acabarás por pensar que se portou mal contigo. No dia seguinte, te sentirás perfeitamente calmo e indiferente. Será lastimável, porque isso te transformará... O que me disseste é romance, um romance de arte, direi, e o mais desolador é que te deixará uma recordação pouco romanesca.

— Harry, não fales assim. Enquanto Dorian Gray existir, serei dominado por sua personalidade. Tu não podes sentir do mesmo modo que eu. Tu varies frequentemente.

— Ah! Meu caro Basil, é justamente por tal motivo que eu sinto. Os fiéis só conhecem o lado trivial do amor; é a traição que conhece as tragédias.

E lorde Henry, riscando um fósforo numa caixeta de prata, começou a fumar com uma placidez de consciência tranquila, com um ar satisfeito de quem houvesse definido o mundo em uma frase.

Um bando chilreante de passarinhos pousou no verde profundo das heras... Como uma revoada de andorinhas, a leve sombra das nuvens passou sobre a relva... Que encanto despertava esse jardim! Quanto — pensava lorde Henry — deviam ser deliciosas as emoções dos outros! Muito mais deliciosas que suas ideias, parecia-lhe! O cuidado de sua própria alma e as paixões de seus amigos, tais lhe pareciam ser as coisas notáveis da vida. Divertindo-se ao pensar assim, lembrava-se do almoço abarrotante que lhe evitara a visita à casa de Hallward; se houvesse ido à casa de sua tia, ali encontraria certamente lorde Goodbody, e toda a conversa rolaria sobre o sustento dos pobres e a necessidade de estabelecer casas modelares

de socorro. Ouviria cada classe pregar a importância de diferentes virtudes, que nenhuma delas, bem entendido, punha em prática. O rico discorreria sobre a necessidade da economia e o ocioso vaticinaria eloquentemente a dignidade do trabalho... Que inapreciável sorte ter escapado a tudo isso! Subitamente, como pensava em sua tia, veio-lhe uma ideia. Voltou-se para Hallward.

— Meu caro, lembro-me...

— Lembras-te de quê, Harry?

— Do lugar onde ouvi referências a Dorian Gray.

— Onde foi? — perguntou Hallward, carregando ligeiramente as sobrancelhas.

— Não me olhes tão furioso, Basil... Foi em casa de minha tia, *lady* Agatha. Ela disse-me que se relacionara com um jovem “maravilhoso”, que quisera acompanhá-la em East End e se chamava Dorian Gray. Posso assegurar-te que só me falou dele como de um belo rapaz. As mulheres não formam juízo exato do que pode ser um belo rapaz; as mulheres dignas, pelo menos... Ela me disse que ele era muito sério e possuía um bom caráter. Eu, imediatamente, tive a ideia de um indivíduo de óculos, com cabelos emplastados, a pele com sardas, equilibrando-se sobre pés enormes... Estimaria saber que era o teu amigo.

— Pois eu estimo que não tivesses sabido.

— E por quê?

— Não desejo que o conheças.

— Não desejas que eu o conheça?!

— Não...

— Sr. Dorian Gray acha-se no ateliê, senhor — disse o mordomo, aparecendo no jardim.

— Agora serás forçado a me apresentar — exclamou, rindo, lorde Henry.

O pintor voltou-se para o servidor, que se conservava ao sol, piscando os olhos:

— Parker, diga ao sr. Gray que espere; lá irei já.

O homem inclinou-se e retirou-se.

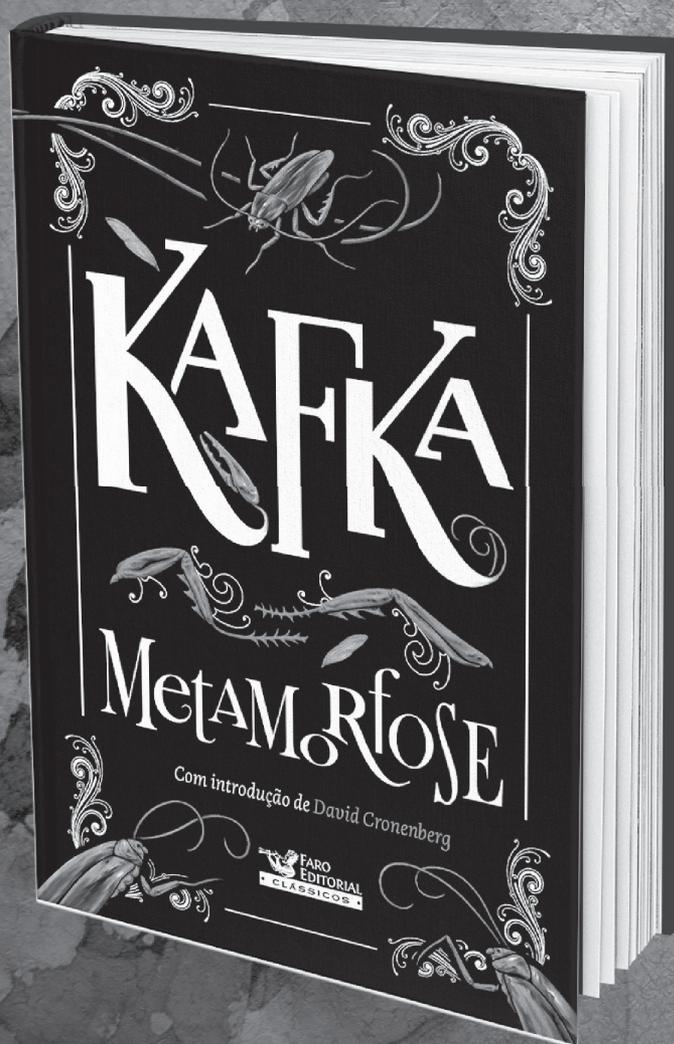
Hallward fixou os olhos em lorde Henry.

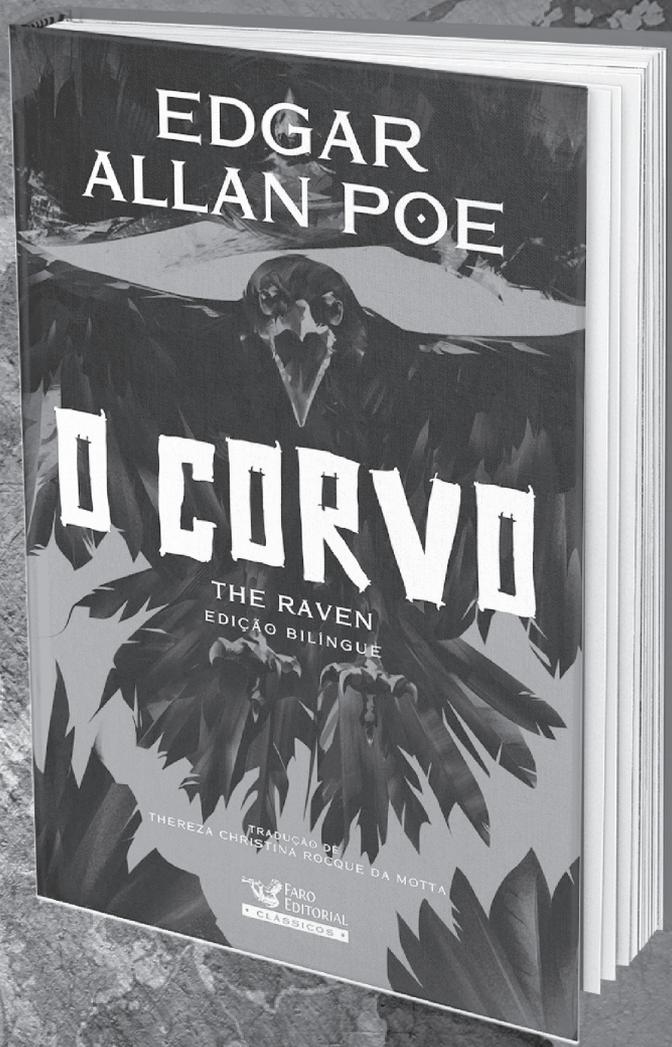
— Dorian Gray é o meu mais caro amigo — disse ele. — É uma simples e bela natureza. Tua tia teve toda a razão em dizer dele o que me repetiste... Não me o estragues; não o impressões; a tua influência lhe seria perniciosa. O mundo é grande e está cheio de gente interessante. Não me subtraias a única pessoa que empresta à minha arte o encanto que ela pode possuir; minha vida de artista depende dele. Preste atenção, Harry, eu te peço!

O pintor falava em voz baixa e as palavras lhe saíam dos lábios como contra a sua vontade.

— Quanta tolice! — replicou lorde Henry, sorrindo. E tomando o braço de Hallward, conduziu-o quase à força para casa.

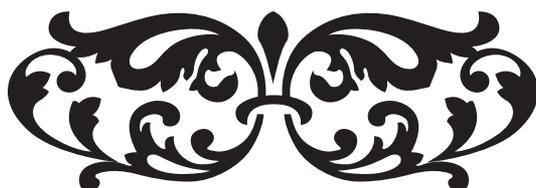
LEIA TAMBÉM





**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



CAMPANHA



Há um grande número de portadores do vírus HIV e de hepatite que não se trata. Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro. FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM AGOSTO DE 2023